

Problema não é econômico, mas político, diz Americano

Advogado que assinou acordos afirma que País tem plena capacidade de pagamento da dívida

O tamanho da dívida externa "não é problema, o problema é a capacidade de pagamento e o Brasil tem plena capacidade de pagamento", afirma o advogado Luiz Alberto Americano, que assinou, entre 1975 e 1982, os acordos feitos entre o governo brasileiro e os credores, em entrevista a *Fábio Pahim Jr.* Ele ainda usa a mesma caneta Mont Blanc, mas substituiu por tinta azul "a tinta preta com que assinei os acordos".

Estado — Como vê o tamanho da dívida externa, cerca de US\$ 138 bilhões hoje?

Luiz Alberto Americano — O problema não é o tamanho, é a capacida-

de de pagamento. O Brasil tem US\$ 30 bilhões em caixa e plena capacidade de pagamento.

Estado — A dívida externa foi vista durante muito tempo como palavrão.

Americano — A questão é política. Há um complexo em relação à dívida. Ela serviu para fazer muitas coisas. A questão é psiquiátrica. A dívida nasceu em 1822, quando o Brasil declarou independência e havia custos. O marquês de Barbacena e o visconde de Itaboraí foram a Londres e pediram empréstimos três milhões de libras-ouro para financiar a independência. Nunca, depois disso, se pagou esse empréstimo. A dívida começou ali.

Estado — A questão é pagar?

Americano — Não acho que alguém vá pagar a dívida. Nenhum banqueiro quer receber. O que eles querem é receber o juro. Se você quer matar um ban-

queiro, diga a ele que vai pagar a dívida.

Estado — Agora eles se mostravam ansiosos por fechar logo o acordo.

Americano — Querem manter a fachada e a credibilidade. Não querem ter empréstimo duvidoso no balanço. Assim, nem o Federal Reserve nem o Banco da Inglaterra mandam fazer reservas.

Estado — O Brasil ainda não enviou a Carta de Intenção para fechar com o Fundo.

Americano — As cartas são uma espécie de sonho de uma noite de verão, e o FMI está consciente disso. São como cartas de amor, não vinculam o País. Se são necessárias, o Brasil deve

fazer. O problema brasileiro não é econômico.

Estado — Acredita que estamos virando a página?

Americano — Estamos sepultando o problema. É um mau espírito que está saindo. Temos de exorcizar esse demônio.

Estado — Como é que atuou na contração da dívida?

Americano — Há a dívida privada e a dívida pública, garantida pelo Tesouro. Eu fiz os contratos do Tesouro Nacional. Eu verificava a sua legalidade, os procedimentos conforme se esteja negociando com os EUA, Japão, Inglaterra, Alemanha.

Estado — Como compara aquele momento e hoje?

Americano — Nada mudou. O País precisava de dinheiro, tinha de tomar, sob os motivos mais absurdos. Um país é como uma empresa, tem crédito e débito, não pode ser diferente. Não há diferença entre 75, 82 e agora.

Estado — Sugere algo ao governo?

Americano — Seguir de cabeça fria. A questão é a capacidade de pagamento. Não pode fazer como o Funaro e o Bresser que afrontaram os credores. É melhor obedecer às regras de mercado. Perdemos muito tempo com isso.

Estado — O sr. usa uma histórica caneta Mont Blanc, que já assinou empréstimos para o programa nuclear, Itaipu, etc...

Americano — A pena já está gasta. Ela foi usada na assinatura de todos os contratos.

Protásio Nene/AE



Americano: pena já está gasta

CARTAS
SÃO COMO
UM SONHO
DE VERÃO